

O Bolsonarismo e a veneração fálica: uma discussão escatológica

Bolsonarism and phallic veneration: an eschatological discussion

“Quando a palavra é a própria coisa, estamos mesmo muito mal”.
(Renato Lessa)

ROSSEMILDO DA SILVA SANTOS

Instituto Federal de Goiás/ Campus Águas Lindas
rossemildo.santos@ifg.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-4247-0655> 

Recibido: 20.04.2021. Aceptado: 02.01.2022.

Cómo citar: Santos, Rossemildo da Silva (2021). “O Bolsonarismo e a veneração fálica: uma discussão escatológica”, *TRIM*, 20-21: 69-90.

Este artículo está sujeto a una [licencia “Creative Commons Reconocimiento-No Comercial” \(CC-BY-NC\)](#).

DOI: <https://doi.org/10.24197/trim.20-21.2021.69-90>

Resumen: Este artículo forma parte de un arsenal de otros similares que pretenden caracterizar y, al mismo tiempo, proyectar una lectura sobre el particular movimiento político brasileño que convencionalmente se denominó Bolsonarismo. El grupo, liderado por el actual presidente de Brasil, Jair Bolsonaro, intriga a los investigadores por una serie de comportamientos inherentes a ellos, en destaque el recurrente e incluso insalubre apelación discursiva, a la imagen fálica y retal en medio de discusiones, en este trabajo, presentado en capturas de pantalla y publicaciones por simpatizantes del mandatario brasileño - además de él mismo -, aun cuando el tema en debate es diferente. Debido a las *fake news* del absurdo que pueblan y aturden la mente bolsonarista, como *kit gay*, biberón en forma fálica, ideología de género, implantación inminente del comunismo, entre otras, se analizan estas líneas, que no son agradables, quede claro, partiendo de una lectura que impregna el plano social y trata de comprender y explicar la mentalidad bolsonarista impregnada de pasiones reprimidas, libido incautada, impedimentos sexuales y la preservación de prácticas familiares traumáticas reveladas en sus declaraciones presentadas en el cuerpo del texto.

Palabras clave: Bolsonarismo; libido; esfínter; pene; sexualidad.

Abstract: This article is part of an arsenal of similar ones that aim to characterize and, at the same time, project a reading of the particular Brazilian political movement that is conventionally called Bolsonarism. The group, led by the current President of Brazil, Jair Bolsonaro, intrigues researchers due to a series of behaviors inherent to them, including the recurrent and even unhealthy discursive appeal to the phallic and sphincteric image in the midst of discussions, in

this work presented in screenshots and publications of supporters of the Brazilian chief executive – as well as himself –, even when the subject under debate is different. Due to the absurd fakenews that populate and stun the Pocketnarist mind, such as gay kit, phallic bottle, gender ideology, imminent implantation of communism, among others, these lines are analyzed, which are not pleasant, by the way, the starting from a reading that permeates the social plane and tries to understand and explain the Pocketnarist mentality permeated by repressed passions, repressed libido, sexual impediments and the conservation of traumatic family practices revealed in their speeches presented in the body of the text.

Keywords: Bolsonarism; libido; sphincter; penis; sexuality.

INTRODUÇÃO

Entenda-se por bolsonarismo um movimento de cariz política, encabeçado pelo capitão reformado do exército Jair Bolsonaro e, com uma relativa secundarização, seus três filhos também envolvidos na carreira política de si mesmos e do patriarca. Caracteriza-se por uma radicalização de partidos de direita, antes apoiadores de candidatos vencidos em eleições como de 2010 e 2014 José Serra, Aécio Neves, o que deságua numa extrema direita desgovernada em seus discursos, cuja principal bandeira não consistia em plano de governo específico nem projeto de país (superficialmente apresentados em campanha – 2018 – de forma improvisada em um amontoado de páginas que mais pareciam trabalhos mal feitos de alunos em estágio de pouca alfabetização), e sim por uma pauta moralizante (BALDAIA, ARAÚJO E ARAÚJO, 2021, PP. 27-30) em que predominava uma luta imaginária contra um comunismo inventado, dialogando com o macartismo americano de há mais de 50 anos, e uma afirmação de pugnas deslumbradas em desfavor de sexualidade alheia, entre elas homossexuais e membros/ simpatizantes da sigla LGBTI+ e, da mesma forma, mulheres (feministas, principalmente), sob a bandeira do Deus judaico-cristão, o que lhe fez angariar milhões de votos de evangélicos/as e demais crentes na mitologia aludida, e do lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que resume todo o parágrafo. Só.

Neste trabalho, dedicar-se-á à pauta que eles chamam de “ditadura gayzista”, explicitada por eles em falas/ discursos debochados (AFONSO-ROCHA, 2021, p. 2952) vulgares e chulos, mormente em redes sociais e em entrevistas, “imposta” dentro das escolas, mas sobretudo em lugares onde somente eles enxergam haver uma imposição do *modus vivendi* homossexual, cujas expressões dialéticas, trejeitos,

mentalidade e comportamentos são ensinados a crianças e à juventude, propagando de maneira veemente e repetida que a sexualidade *homo*, em sua pluralidade, configura-se enquanto contagiosas, herdadas pelo ar, ensinadas em palestras e em banco de escola.

O cicerone desse movimento, Jair Bolsonaro, conquista sua fama a partir da moda brasileira de adorar e tornar ainda mais famosas subcelebridades. Ele ganha notoriedade com tentativas, ainda um adulto trintaneiro, de planejar implodir quartéis nos quais servia (CARVALHO, 2019, p. 57). Condenado por tal comportamento e, para amenizar o ocorrido terrorista, reformado, Jair se candidata a vereador pela cidade do Rio de Janeiro e, em seguida, deputado federal, cargo que exerceu por quase três décadas antes de ser eleito presidente da República do Brasil. Nessa trajetória, angariou votos por causa de sua luta distópica contra o tal *Kit Gay*, uma cartilha que, segundo ele, doutrinava crianças a partir de 6 anos em creches e acusava seus opositores políticos de serem os responsáveis por distribuir o material em instituições oficiais, aparelhando o Estado para transformar indivíduos ainda em tenra idade em homossexuais afeminados, além de militantes políticos “comunistas”. Vale a reflexão de Ghiraldelli ao definir o movimento bolsonarista nessa linha:

A direita insiste na ideia de que sexo é “algo biológico” e que “só há dois gêneros, masculino e feminino”. Então, define ambos por resultados de uma averiguação bem antiquada: há de se encontrar “vagina” e “pênis”, e isso tira qualquer dúvida sobre o que somos e o que podemos ser. Qualquer ensinamento que mostre que as coisas são mais complexas a direita trata como “culturalismo”, e nos exemplos vê “aberrações”. Para os conservadores, “culturalismo” quer dizer apenas o seguinte: a tese de que podemos inculcar nas crianças – pela ação cultural e escolar – a ideia de que elas não são meninos ou meninas, mas são o que quiserem ser, sem qualquer consideração ao fato de que elas têm vagina ou pênis (GHIRALDELLI, 2019, pp. 63-64).

O parlamentar o fazia em sessões da câmara de deputados e continuou a fazê-lo em rede nacional quando, por exemplo, foi convidado a uma entrevista no jornal mais assistido do Brasil e mostrou a aludida cartilha para toda a nação, em sua ânsia megalomaníaca. Era o que milhões de conservadores/ reacionários precisavam para decidir seus

votos. Identificados com a questão de achar culpados pela “crescente onda” de homossexuais no país, entendida aqui como afirmação identitária, e para ter um inimigo contra o qual lutar, evangélicos e demais seguidores da crença judaico-cristã concedem aumento no número de intenção de votos para o então candidato.

1. O BOLSONARISMO E OBSESSÃO ANAL E FÁLICA

Com um país de vertiginosa maioria cristão e/ ou religiosa, cuja mentalidade maniqueísta necessita ser alimentada com constância para que suas vidas obtenham algum sentido, e com um discurso raso e sem plano algum para um país que já vinha em crise desde 2016, Bolsonaro se elege presidente. Esse grupo moralista, de maioria evangélica de igrejas pentecostais e neopentecostais, e que cujo fundamentalismo constitui perigo às democracias (VIEIRA, 2019, p. 91), lideradas por apresentadores de TV e/ ou chefes de congregações grandes e famosos por suas pregações estridentes, constitui o cerne do bolsonarismo. O pragmatismo político não se conflagra entre seus correligionários, e o apego à multiculturalidade, à laicidade e ao reconhecimento da heterogeneização social se afastam de seu imaginário e discursos. Pelo contrário: são afeitos à homogeneização dos corpos, ao monoculturalismo e à monoreligiosidade (conclui-se pelo lema de campanha do próprio Bolsonaro em que afirma impor seu deus sobre todos).

Esses grupos moralizantes, mormente intolerantes a pensamentos não-crentes, ou seja, têm seus pontos de vista acerca do mundo como a verdade absoluta, interpretam a realidade a partir de catastrofismos exagerados, característico do conceito de *fake news* (GREIFENEDER, JAFFÉ, NEWMAN e SHWARS, 2021. p. 31), sendo o principal deles a de que descrentes consistem em uma ameaça à paz local e nacional (mundial, inclusive), posto que suas existências afrontam a “vontade de Deus”. Toda a sociedade seria “castigada” com pragas, doenças, fomes, guerras e afins por que o outro existe, segundo suas crenças *personalité*. A principal delas seria o homossexual, dentro de suas manifestações, por isso o apego desenfreado do porta-voz dessas turbas ao discurso “Kit gay” (Figura 1), representante de uma guerra de valores na qual o bem precisa com urgência vencer o mal apoiado pelo fantasma também por eles (re)inventado do comunismo (NETO, 2020, p. 288).

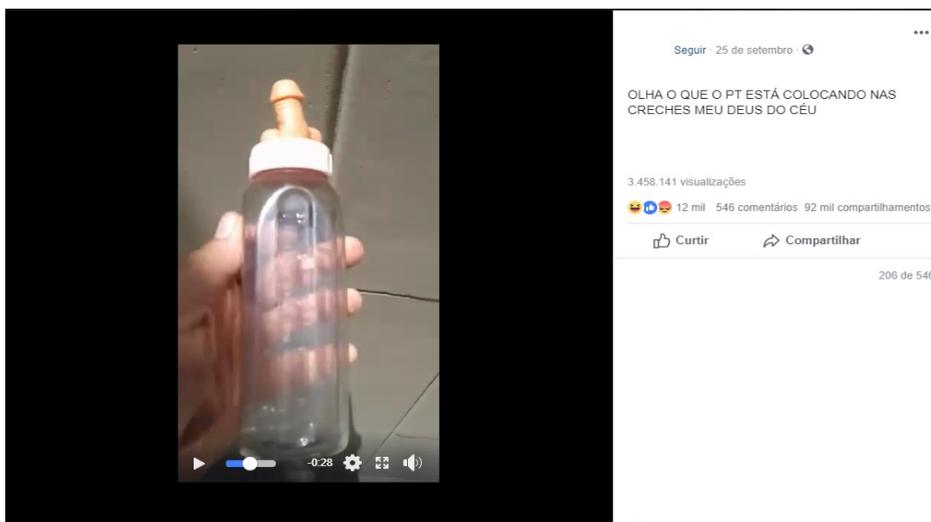


Figura 1: "Mamadeira em forma fálica" que, segundo as fakenews bolsonaristas, faria parte do "kit gay" entregue em escolas or professores doutrinadores com o fim de sexualizar crianças. Fonte: captura de tela de videos do Facebook.

Não obstante usarem o nome de Deus, os bolsonaristas não medem o linguajar chulo. Por isso, quer-se aqui pedir perdão a eventuais leitores deste trabalho, pois, para discorrer a respeito desse movimento político brasileiro, é necessário estômago. Seus integrantes caracterizam-se, sobretudo nas redes sociais, por uma milícia de palavreado vulgar, baixa nos seus aspectos mais decepcionantes que possa existir, e as amostras de suas falas em redes sociais que integrarão as páginas seguintes envergonham ao pesquisador do mais imaturo ao mais experiente. Porém, a exposição das características do bolsonarismo não estaria completa sem discorrer acerca da veneração pela região anal e pelo pênis (AFONSO-ROCHA, 2021, p. 2952) que deixam transparecer sem remorsos. Não são diferentes de Jair Bolsonaro e seus filhos, além do guru do “partido” bolsonarismo, cujas entrevistas, falas e publicações refletem em semelhante nível mentes dominadas pelo esfíncter e pelo *Phalus*. O Jornal Estado de Minas, assim como muitos outros, repercutiu a declaração do ex-ministro da Saúde do governo Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta, de que Bolsonaro e seus filhos têm obsessão por “essa parte da anatomia” (ESTADO DE MINAS, 2021).

O bolsonarismo, depois de convívio por certo tempo, parece se tornar previsível, sobretudo depois que o padrão é identificado. A adesão de milhões de seguidores (foram mais de 57 milhões de votos) a esse plano de viés paranoico reforça a ideia de que existe uma preocupação constante com a sexualidade alheia, daí o representante delas repetir reiteradamente seu papel enquanto metáfora aglutinadora das vontades populares contra relações homoafetivas, “doutrinação gayzista”, feministas e erotização infanto-juvenil.

É importante pôr em relevo que, não obstante a expressiva votação em Jair, o reacionarismo característico de sua movência social tem predominância na classe média. Média baixa, sobretudo. Em pesquisa feita em uma manifestação a favor do governo de Jair, onde a expectativa era de que, em seu quinto mês completo de administração, permanecesse em sua base o núcleo duro de apoiadores, maioria constitui sexo masculino, branco, acima de 35 anos e com salário médio acima de 5 salários mínimos (EXAME, 2019). Além desses fatos, os entrevistados se reconhecem como de direita, antipetistas (o grupo majoritário que seria o comunismo inventado por eles, promotores dessas doutrinações aludidas) e consevadores.

Além de sua literatura de sovaco para seu proselitismo tradicional antigo, o femigerado *Kit gay*, Jair endossou campanhas nas quais mamadeiras com extremidades em formato de pênis faziam parte de material em creches onde crianças em idade pós-natal, eram erotizadas por agentes (professores/ cuidadore/as) desde muito cedo, o que as transformariam em gays, trans, lésbicas, Pablos Vittares no futuro. Jair Bolsonaro, ademais desses fatos, com frequência usa metáforas acerca do pênis, como seu famoso *twiter* em que pergunta, depois de compartilhar em sua rede social oficial um vídeo no qual um rapaz urina sobre outro, “o que é *golden shower*?”; além de chistes antigos (que ele jura ainda serem engraçados) mesmo quando o contexto não exige, como quando, recentemente, em aeroporto depois de sua chegada de Dallas, Estados Unidos, um fã de origem oriental lhe pede uma fotografia e, no ato, insinua que o órgão sexual do rapaz seja “pequeninho”.

O fascínio bolsonarista pelo *Phalus*, entendido aqui como o órgão sexual masculino, causa estupefação em qualquer sujeito sensato que vê desde fora. Enxergam, por exemplo, a participação de Damares Alves, Ministra da família e das mulheres, na socialização dessa assertiva, pois consta em gravações conhecidas suas pregações acerca de uma eventual erotização infantil na Holanda, onde estariam masturbando crianças muito pequenas para que começassem cedo a aderir a relações de pedofilia e comportamentos similares (O GLOBO, RJ, 2019), o que gerou um impasse diplomático com aquele país, cujos líderes se irritaram com a psicose da Ministra e exigiram explicações (UOL, SP, 2019).



Figura 2: Olavo de Carvalho, inventor "intelectual" do bolsonarismo, também é patriarca de linguajar vulgar em suas lives, discursos e postagens. Fonte: captura de tela do Facebook.

O guru intelectual do movimento em questão, atualmente vivendo nos EUA e sem formação escolar alguma, (auto)intitulado e tido por eles como filósofo, caracteriza-se por ser uma fonte de palavrões chulos de cunho sexual peniana e anal (AFONSO-ROCHA, 2021, p. 2959) em suas publicações onde tem maior público e admiradores, as redes sociais (Figura 2). A antropóloga Débora Diniz, ao apontar algumas características do fascismo no discurso olavista, indica o “novilinguismo” como ponto relevante: afirma que o vocabulário de Olavo é sexualizado e exara libido homossexual enrustida, indagando sobre o motivo de sua obstinação por ânus e pênis.

Os mais ordinários seguidores de Carvalho também carregam em sua *psique* as mesmíssimas concepções que beiram o doentio: basta uns minutos de diálogo em redes sociais – ou mesmo em visita em suas

páginas – que flagramos xingamentos com tal conotação e pautas em que a preocupação com a sexualidade alheia e a sua própria e/ ou de filhos, netos, parentes consiste no cerne da maioria das falas (Figura 3).

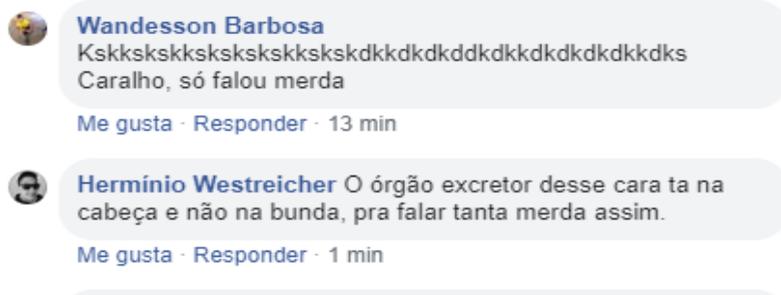


Figura 3: Bolsonaristas em comentários aleatórios "argumentando" contra opositores políticos de Jair. Fonte: Captura de tela do Facebook.

Mas por que o bolsonarismo tem tanto apelo ao *Phalus* nas falas imediatas de seus integrantes? Por que a imagem da genital masculina, assim como sua frequente união ao esfíncter, elegeu um presidente? E por que o próprio presidente e seus mais próximos líderes, incluindo ministros e dirigentes religiosos, não tiram, metaforicamente, o *Phalus* da boca?

2. POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES PARA A RETÓRICA GROSSEIRA BOLSONARISTA

Para compreender os processos que desembocam na assim chamada economia sexual, segundo Reich, onde a repressão do sexo e seu recalque convertem-se em mecanismos de controle de massas, a sociologia teve de justapor-se a preceitos da psicanálise, graças aos estudos de Freud sobre a sexualidade humana e, especificamente, infantil, quando distinguiu a fatalidade da injustiça dentro desse universo. Para ele, é no cerne do que chama de família autoritária, nos cinco primeiros anos de uma criança, que esta se torna recipiente galvanizador de uma estrutura social que une sua própria reprodução, sexual e socioeconômica. Mais tarde, a igreja assume para si esse papel. Assim,

É nesse estágio que os interesses sexuais gerais começam a atender aos interesses econômicos de uma minoria; isto assumiu

uma forma organizada na família e no casamento patriarcais. Com a limitação e a repressão da sexualidade, a natureza do sentimento humano se altera; aparece uma religião que nega o sexo, e que, gradualmente, constrói sua própria organização de política sexual — a Igreja com todos os seus precursores — cujo objetivo não é outro senão a erradicação dos desejos sexuais do homem e, conseqüentemente, da pouca felicidade que ainda resta sobre a Terra (REICH, 1988, p. 44)

O bolsonarismo, que empunha entre sua violência discursiva (Figura 4) a moralidade como parte integrante de suas hostes – não apenas no caráter deles, mas também como bandeira política -, consegue arrematatar múltiplas personalidades após si, que vão desde indivíduos de várias classes sociais, religiões (não obstante algumas predominem), sexualidades e cores. Isso acontece por que

o objetivo da moralidade é a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação. Assim, a família é o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde (*Ídem*, p. 45).

Mecanismos de poder se associam a discursos moralizantes para ampliar sua cota de domínio, pois tanto a moralidade sexual, que inibe o desejo de liberdade, como aquelas forças que apoiam interesses autoritários, tiram a sua energia da sexualidade reprimida (*Ibidem*, p. 46).

Na mesma esteira, regimes autoritários históricos, mormente os mais estudados como os vinculados à Santa Inquisição e ao extermínio Nazista, vertebram o *modus operandi* das populações manchadas pela repressão do corpo, "sendo o nacional-socialismo um movimento elementar, não se pode vencê-lo com 'argumentos'. Os argumentos só surtiriam efeito se o movimento tivesse conseguido seu poder através da argumentação" (*Ibidem*, p. 47), ou seja, o que o líder nazista pretendia era trabalhar as emoções das massas, não convencê-los por uma argumentação racional, dado que a estrutura humana autoritária teme a liberdade.



Figura 4: Coleta do discurso bolsonarista nas redes, onde é frequente e praticamente unânime o apelo deles a falas escatológicas viculadas a fake news. Fonte: captura de tela do Facebook.

2.1. A classe média, a moralização do corpo e o bolsonarismo

A classe média é a que, historicamente, carrega em sua compleição, independente da onde estejam instaladas, maior vocação para o reacionarismo e, portanto, ninho de criação do fascismo, seja na Itália, Alemanha, Argentina ou Brasil. E isso se deve, sobretudo, à sua organização familiar quase exclusivista, autoritária, pois, mesmo outras camadas sociais não dando muita relevância ao papel da classe média no seio social, é ela que irrompe, inserida nas corridas de poder do século XX, atrelada umbilicalmente ao fascismo. Ela não conduz ou se associa, ela É o fascismo (BOITO JR, 2021, p. 3).

O individuo da classe média (em sua pluralidade de características e classificações) está sempre disposto a se adaptar à figura de autoridade (REICH, 1988, p. 56). Ela reproduz o andar de cima, quer aparentar, o que a leva a se preocupar em demasia com o modo de vestir e com a plástica, dado que a aparência externa, para essa classe média, consiste no cerne do seu próprio *status quo* (mesmo muitas vezes se alimentando mal ou passando alguns tipos de privações). E é por isso que julga o outro, comportamento revelador de uma vontade antropofágica em relação ao elemento diferente, de “gostar de comer o outro” (ZANOTELLI,

2010, p. 129), sobretudo a mulher “mal vestida” ou com “pouca roupa” (por exemplo) comportamento que, para eles/as, revela a face amoral do sujeito da não-aparência. Assim, “é precisamente na situação familiar que encontramos a chave para o fundamento emocional da estrutura que descrevemos.” (REICH, 1988, p. 57).

A classe média, entendida como um conjunto de famílias cujo centro econômico gira em torno de uma figura paternal dirigente, como em pequenas empresas familiares e agricultores médios, e do restante dos membros como partícipes do tocamento adiante do negócio familiar. Esse microconceito de classe média tende a buscar a imagem autoritária para firmar seu sentimento de pertencimento de grupo e para se identificar socialmente, posto que é a família nesses moldes a perpetuadora dessa noção e, assim, articulados pelo que “pressupõe uma forte repressão e recalcamientos sexuais” (*Ídem*, p. 57).

Para essa classe, especialmente a mais baixa dentro do rol médio, há uma identificação com figuras de poderes economicamente superiores, como a classe alta ou mesmo a média-média, dentro da ótica familiar centralizada no pai, cuja frustração econômica, por situar-se em posição inferior às outras classes acima dela e para diferenciar-se das baixas, apoia-se no “moralismo sexual” (*Ibidem*, p. 60). Empunhados com esses discursos moralizadores, no intento de colocarem-se em pedestais na relação centro-margem, superior-inferior dentro do espectro social, a classe média subjuga e, para Reich, apropria-se dos conceitos de honra e dever a fim de que tenha o chicote sobre outrem, em um movimento de projeção que tende a subtrair a sexualidade alheia, o que causaria as frustrações, recalques e represamento sexuais de corpos alheios. Não é à toa que é muito comum entrar em redes sociais e presenciar, com certa facilidade, falas bolsonaristas que denotam um comportamento sexual não resolvido e/ou interrompido (Figura 5).

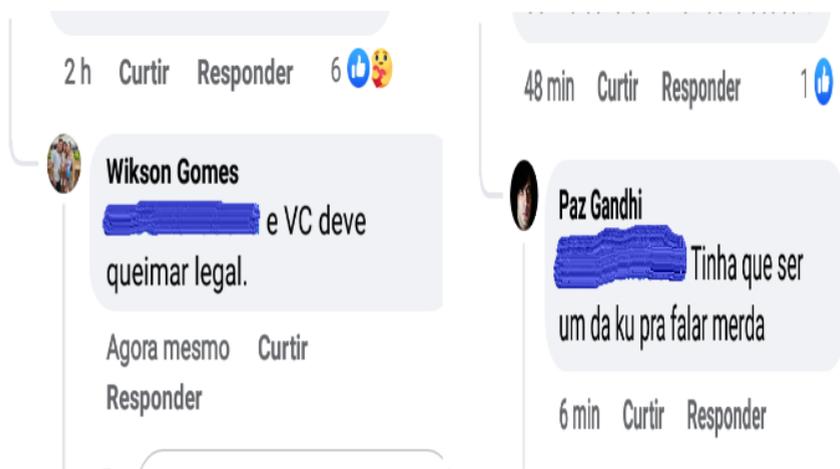


Figura 5: Falas escatológicas bolsonaristas, independente do tema da discussão, denotativas de recalques internos externalizados. Fonte: captura de tela do facebook.

O inconsciente emocional está no alicerce dos conceitos da classe média (sobretudo a baixa) de dever e honra, segundo Reich. A família, centralizada na figura do pai na sociedade patriarcal, consiste apenas em um instrumento de poder, pois é através dele que a sociedade tem aquele núcleo de indivíduos como referência e, a partir da influência do pai, a família é ou não inserida/ reconhecida nos círculos sociais, convertendo, assim, a relação gênero-sociedade e, por conseguinte, sexo-sociedade, em fundamentos para seu funcionamento. A submissão do sujeito-pai frente à figura autoritária do estado se reproduz dentro de sua casa, mormente em filhos do sexo masculino, o que submete toda uma classe a figuras autoritárias como os alemães médios se submeteram a Hitler:

É que a posição do pai exige as mais rigorosas limitações sexuais à mulher e aos filhos. Enquanto as mulheres, sob as influências da classe média baixa, criam uma atitude de resignação forçada por uma revolta sexual recalcada, os filhos criam, além da atitude submissa para com a autoridade, uma forte identificação com o pai, que forma a base da identificação emocional com todo tipo de autoridade (*Ibidem*, p. 61).

No mesmo sentido, Jessé Souza – a classe média no espelho – propõe que os seres humanos possuem uma necessidade externa e outra

interna, e esta seria determinada pela religião, responsável por criar no âmago do indivíduo um sentido para sua existência:

Assim, a ideia que fazemos de nós mesmos, hoje em dia, como indivíduos dotados de vontade própria está longe de ser um fato natural, como o nascer ou o pôr do sol. Como todas as concepções importantes que movem nossa vida, a ideia de que somos indivíduos que possuem vontade própria é resultado de uma construção histórica. Essa construção histórica teve um pano de fundo religioso (SOUZA, 2018, p. 21)

Destarte, nota-se uma intrínseca ligação entre o conceito de moralidade, da dicotomia entre o bem e o mal, e a expansão do pensamento judaico que, por sua vez, foi herdado pelo cristão, assumindo, dessa maneira, protagonismo no fazer político das sociedades através dos séculos da história. O que quer dizer, portanto, que não existe uma tendência sanguínea no *modus operandi* de dada sociedade - no caso a brasileira -, e sim uma regência institucional sobre os corpos, segundo seus objetivos e planos.

Assim, a religião ganha papel essencial no controle das emoções sexuais, movidas pelo medo, repressão e culpa. Para Reich, é na fase ainda de criança e adolescente que o sujeito adquire um pernicioso hábito: o de reprimir o desejo de masturbação e, nela, a configuração do homem reacionário. É o germe do controle, não como virtude, mas como projeção sobre outrem. Seguindo essa lógica, desse indivíduo, em fase adulta e com represamentos sexuais devastadores, sente-se no dever de impor sobre os outros seu *modus*:

Desejos sexuais impelem naturalmente os seres humanos para toda a espécie de contatos com o mundo, para um contato íntimo com o mundo em todas as suas formas. Sendo esses contatos reprimidos, resta apenas a possibilidade de agir dentro do limitado círculo familiar. A inibição sexual constitui a base tanto do encerramento dos indivíduos no seu círculo familiar como na consciência pessoal individual” (REICH, 1988, p. 63).

Esse ritual de propaganda, simples ou mais encrementado, revela o acordo de ambas as partes do contrato associativo, e a religião se apresenta como um dos mais eficientes meios de consegui-lo, pois o “típico ritual fascista de revelação é um substituto para a gratificação

sexual” (ADORNO, 2015, p. 150). O proibicionismo sexual é substituído pelo ritual, canalização da libido, restando a ausência. O derramamento de sangue do inimigo criado, imaginário, vital para o equilíbrio do caos social implantado, torna-se imprescindível justamente pela desordem social, econômica, moral causadas pelo outro ameaçador. Assim, objetos como armas precisam ser cotados, comportamentos como perseguições e extermínios se tornam absolutamente aceitáveis e corriqueiros. O ritual do sacrifício do outro/ inimigo se confunde com o da própria divindade cristã, cujo sacrilégio máximo seria o excelso e insuperável, enquanto o dos outros, os descartáveis causadores das tragédias sociais, dos castigos divinos, beiravam o avalorável e, portanto, indigno de pena ou comoção. Temos, assim, a “destrutividade como fundamento psicológico” do movimento bolsonarista, eles podem jurar que os opositores ao governo atual (2021) são os motivos das crises e que seu descarte não seria apenas aprovável como necessário (ver figura 6).

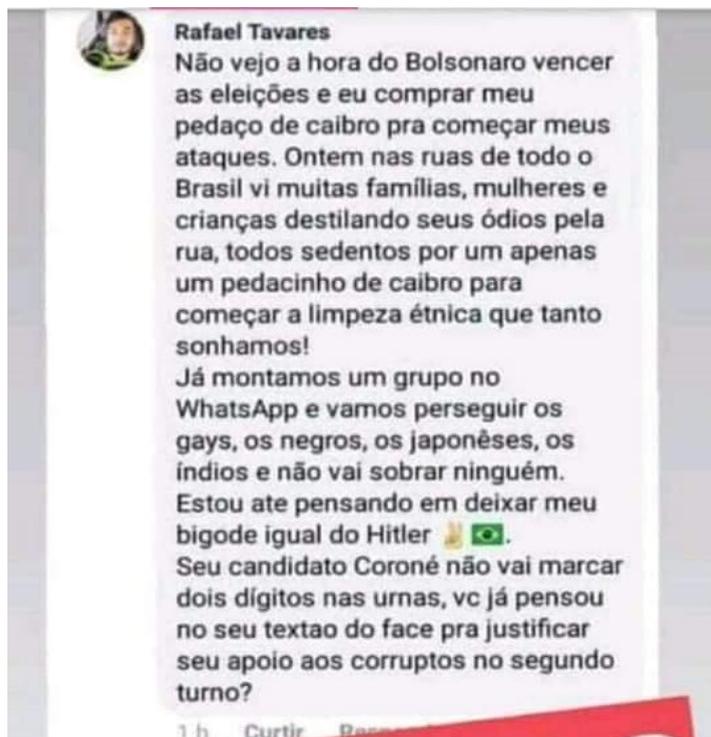


Figura 6: Militante bolsonarista declara abertamente em redes sociais limpeza étnica. Fonte: Captura de tela do Facebook. Noticiado em diversos veículos de comunicação, como Uol, 247, etc.

O sentimento de pertencimento, a sensação de coletividade, se manteve acesa desde que os bolsonaristas dispersos pelo Brasil se encontraram nas redes sociais e, assim, formaram um “in-group” alicerçados, sobretudo, em um narcisismo coletivo, entendido aqui como um “investimento libidinal no próprio eu, em vez do amor a outros seres humanos” (ADORNO, 2015, p. 95), um conjunto de eus narcísicos encontrados e postos em coletividade e objetivos práticos e conceituais comuns. O eu fragilizado, normalmente fracassado, adere à ideia de uma vinculação à autoridade, usualmente em substituição e/ou reconfiguração à paterna. A fuga constituída nesse périplo parece construir um bolsonarista clássico.

Bloqueios sexuais, cujos desenvolvimentos se iniciam nas salas das famílias, constituem a base das relações dos indivíduos dela com o mundo, pois as limita para as fronteiras das paredes da casa familiar. As frustrações sexuais ali alimentadas redirecionam-se a outro sujeito que não são as relações eventualmente contruídas com a liberdade sexual do indivíduo: a mãe. A fixação no elemento materno perdura para sempre, o que na classe média será projetado como/ sobre a entidade da pátria, e a família se converteria em uma “nação em miniatura” (ADORNO, 2015, p. 195). O complexo de Édipo aqui exposto nada mais é do que o desenho social da extensão e uso do discurso em que a mãe-pátria possuem elos de vinculação indestrutíveis, alimentando a ideia de amor à pátria que, curiosamente, é um vocábulo cuja origem remete à ideia de pai. Essa ligação sobrepassa a biologia, pairando nos aspectos mais sociais e construídos discursivamente dentro do espectro moral/moralizante. Isso explica o apelo bolsonarista que se creditam defensores da pátria, e deambulam pelas ruas do país ambrulhados com a bandeira brasileira ou vestidos em protestos de verde e amarelo.

O homem reacionário seria, nesses termos, o resultado da castração que, em Reich, equivaleria à punição sexual, pela ousadia do experimento do prazer. Castração, mãe-pátria/ complexo de Édipo, família patriarcal cujo pai é o cordão umbilical do elo entre esta e a sociedade, religião no âmbito do reforçamento de todos esses aspectos empacotados e temos o homem reacionário, antissemita literal e metafórico, averso às outras “castas”, ao “de fora”, exótico; homofóbico, contundentemente oposto à liberdade sexual alheia, antítese do *self* aprisionado; eurocêntrico, dada a fatalidade com que vê outros povos injustiçados, como os escravizados por séculos no caso brasileiro, frente aos historicamente privilegiados, os senhores de escravizados, imigrantes

européus e seus descendentes, galardeados com políticas públicas que os favoreceram no mesmo percurso de tempo; misóginos e/ ou machistas, quando a mulher, nesse núcleo social enraizado, tem papel secundarizado e/ ou desaparecido ao ser vista como unicamente progenitora, “protetora do ninho”, receptora do objeto fálico e, ao ousar desvincular-se dessa imagem, é julgada como herege familiar, aberração dentro dessa perspectiva reacionária.

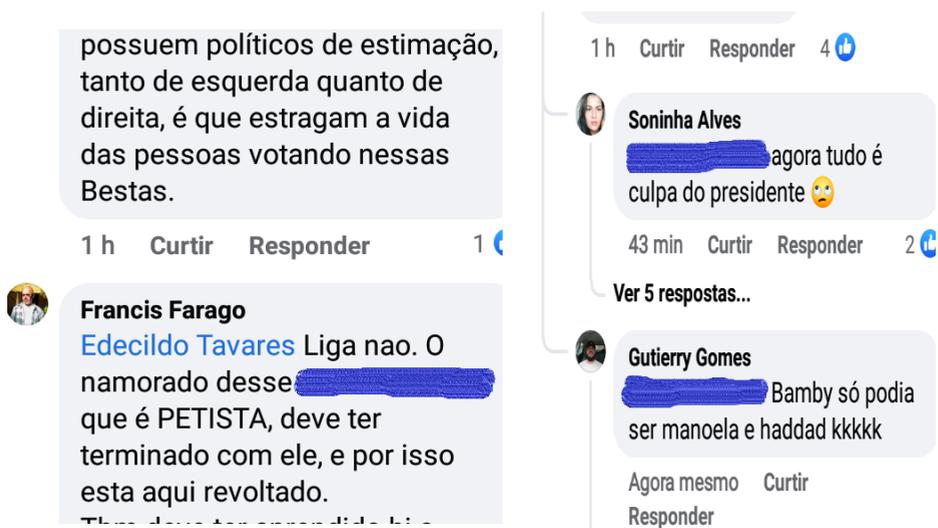


Figura 7: Bolsonaristas denotam em suas falas uma obsessão pelas relações esfínter-phalus, vinculam de imediato seus interlocutores à homossexualidade para tentar causar-lhes vergonha. Fonte: Captura de tela do Facebook.

A castração, a noção de ausência/ perda fálica, norteia as relações familiares dentro desse nicho familiar sobretudo religioso, porcentagem significativa do núcleo do bolsonarismo. O comportamento bolsonarista em relação direta, discursivamente, a xingamentos e narrativas envolvendo órgãos genitais masculinos e femininos, além do ânus (Figura 6), pode significar relações edípicas com o falo. A mãe (o seio), as fezes (o ânus) e o falo (sintoma da ausência de pênis) configuram, desde a infância, a relação do Eu com a casta familiar em torno da qual orbita a autoridade do pai. Não apenas. A figura do pai, a ameaça da mãe e irmãos/ irmãs, em uma rivalidade regida pela castração figuram como partícipes do imaginário complexado das ausências bolsonarianas em suas relações de intolerância com o outro, e às suas vozes para com ele, administrados sempre pela religião cristã que, segundo Moreira e Borges,

“se o judaísmo foi uma religião do pai, o cristianismo é a religião do filho. Momento este em que o filho, efetivamente, toma o lugar do pai” (MOREIRA & BORGES, 2010, p. 79). Para elas (seguindo a conclusão de Freud), a própria religião seguida manifesta complexos edípicos relevantes, pois o nome impronunciável de YHVH outorga à partenidade do grande criador judaico a imagem de externo, inacessível e inexistente. Assim, com a especulação de que o próprio povo tenha dado fim a Moisés, por ser um pai autoritário, surge o catolicismo e suas derivadas, as quais herdam características do “pai” Moisés/ judaísmo/ YHVH, e onde o sentimento de culpa será terminologizado como pecado original sobre os filhos herdeiros. O filho precisa, por fim, pagar pelos pecados na “nova” religião. Dessa forma, “o indivíduo nas sociedades tribais não pertencia aos pais, mas ao grupo. Com o advento do cristianismo, a paternidade fica de vez vinculada a uma pessoa particular. A partir destas considerações, percebemos que o pai necessita ser construído pelo filho, mas para que o filho possa ser pai é necessário destruí-lo” (*Ídem*, p. 79).

A angústia criada pelo trauma sexual ou pela castração, de Freud a Lacan, ajuda-nos a explicar o venero bolsonarista (Figura 7), no inconsciente, pelo genital biológico masculino e outras partes da anatomia. O Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves, da UFSCar, aponta como constituinte imprescindível do inconsciente três elementos: o simbólico (figura materna), o real (que escapa) e o imaginário (narcísico, relação do eu com o corpo). Nesse sentido, o objeto de desejo consiste no causador da frustração e, no orbitar do trauma, o rompimento com o objeto constrói a fantasia, que seria o mecanismo por meio da qual o sujeito cria vínculos sociais e, uma vez rota, rompe-se, igualmente, seu elo com o social.

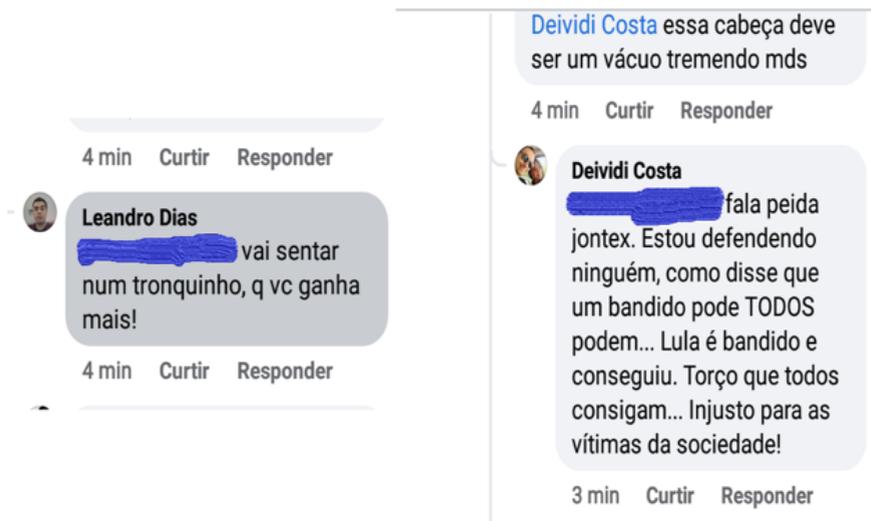


Figura 8: O linguajar vulgar bolsonarista revela um histórico de repressão sexual implícito, porém desavergonhado. Fonte: captura de tela do Facebook.

A histeria bolsonarista contra os inimigos imaginários criados por si próprios (os “comunistas” opositores a Jair Bolsonaro, que devem ser associados à “desgraça” moral que é a homossexualidade e outros “desvios” comportamentais socialmente inaceitáveis) e por seus intelectuais autoproclamados (Como Olavo de Carvalho, sem educação secular porém por eles considerado pensador profissional e reconhecível), causadores também de uma corrida anti-intelectual e perseguição a professores e pensadores em geral no Brasil, pode ser explicada nos termos desses rompimentos? Toda neurose nesse sentido pode ser explicada, segundo Camilo Chaves, por fator de ordem sexual (Figura 8):

Freud divide essa causa sexual em duas vertentes: uma atual, que remonta à economia libidinal do sujeito e diz respeito a um “regime sexual” próprio às neuroses, em que está ausente a relação sexual tida como “normal”, na qual homem e mulher, pelo coito, chegariam ao orgasmo. Neste quadro é constante a presença de angústia como acúmulo da libido que não foi descarregada de forma ideal, o que constituirá a primeira teoria freudiana da angústia. (COUTO & CHAVES, 2009, p. 61).

CONCLUSÃO

Resta claro, segundo os especialistas, o caráter de frustração frente a comportamento sexual do Mesmo em relação ao Outro. As energias da libido aprisionadas, somadas à relação do sujeito com o primeiro antro de contato social, a família patriarcal, e cujos efeitos não seriam imediatos, mas retardatários, podem ser os vertebradores de uma histeria conjuntural que, no caso particular do Brasil, resultou no bolsonarismo e seus desdobramentos reminiscentes. Ajudados pelo *modus operandi/ vivendi* da classe (média) a qual a maioria integra e que, historicamente, consagra em suas pressões sociais agitações políticas que chegam a explodir em golpes de Estado, a repressão sofrida por um bolsonarista típico, como os exibidos nas imagens compartilhadas neste trabalho, denota sua *psique* conturbada e, ao mesmo tempo, fértil para grupos aproveitadores dessas fragilidades sociais, para a formação/proliferação de indivíduos pregadores do ódio.

A exploração, por parte de grupos poderosos, desses sujeitos mentalmente colonizados, dá-se através, sobretudo, de redes sociais, onde eles consomem conteúdos incitadores de segregações, onde a depravação, mormente sexual, constitui o cerne da decadência social, incluído o aspecto econômico, em crise pela existência do opositor/causador da frustração do bolsonarista. Atordoado mentalmente por sofrer ataques propositais de conteúdos incitadores, o bolsonarista típico espalha intolerância nas redes sociais e perde a capacidade de discernimento: seu linguajar chulo, seu vocabulário doentio, sua palavra vergonhosa não lhe causam estranhamento e, paralelamente, denuncia-o. Está expondo recônditos desejos, vontades reprimidas, libido represada. Ou como diz o livro que eles professam seguir, “A boca fala do que o coração está cheio” (Matheus 12:34).

BIBLIOGRAFÍA

AFONSO-ROCHA, Rick. *Cis-hétero-bolsonarismo: o perigo cor-de-rosa como espectro da ameaça vermelha*. E-BOOK CINABEH: POLÍTICAS DA VIDA: COPRODUÇÕES DE SABERES E RESISTÊNCIAS (VOLUME 01)... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75076>>. Acesso em: 29/12/2021 20:06.

- ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.
- BALDAIA, Fábio Peixoto Bastos; ARAÚJO, Tiago Medeiros; ARAÚJO, Sinval Silva de. *O Bolsonarismo e o Brasil profundo: notas sobre uma pesquisa*. XVII Encontro de Estudos multidisciplinares em Cultura. Salvador, Bahia, 2021. Acesso em: 28 dez 2021. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132106.pdf>.
- BOITO Jr., A. (2021). O CAMINHO BRASILEIRO PARA O FASCISMO. *Caderno CRH*, 34, e021009. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.35578>.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. *O cadete e o capitão*. São Paulo: Todavia, 2019.
- COUTO, Wilson Camilo; CHAVES, Luíza Vieira. *O TRAUMA SEXUAL E A ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO: PERCURSO FREUDIANO À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DE LACAN*. PSIC. CLIN., RIO DE JANEIRO, VOL.21, N.1, P.59 – 72, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v21n1/v21n1a05.pdf>. Acesso em: 29/5/2019.
- DA SILVA SANTOS, R. (2021). El Bolsonarismo y la mujer: de hechiceras y sacerdotisas de la antigüedad a brujas medievales y “comunistas” modernas. *Raíces: Revista Nicaragüense De Antropología*, 5(10), 29–62. Recuperado a partir de <https://revistashumanidadescj.unan.edu.ni/index.php/Raices/article/view/801>.
- ESTADO DE MINAS. [website]. *Mandetta diz que Bolsonaro e família têm obsessão pela 'região anal'*. Estado de Minas, MG, 11/3/2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/11/interna_politica,1245723/mandetta-diz-que-bolsonaro-e-familia-tem-obsessao-por-regiao-anal.shtml. Acesso em: 10/4/2021.
- EXAME. [website]. *Homem, branco e conservador: o perfil do manifestante pró-bolsonaro em SP*. EXAME, São Paulo: 27/5/2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/homem-branco-e-conservador-um-perfil-dos-manifestantes-pro-bolsonaro-em-sp/>. Acesso em 29/5/2019.

- GREIFENEDER, Rainer; Jaffé, Mariela E.; Newman, Eryn J.; e Shwars, Norbert. *The Psychology of Fake News: Accepting, haring, and Correcting Misinformation*. New York: Routledge, 2021.
- GHIRALDELLI, Paulo. *A filosofia explica Bolsonaro*. São Paulo: Leya, 2019.
- LESSA, Renato. *Homo bolsonarus. De como nasceu e se criou o confuso e perigoso animal artificial que encarna momentos arcaicos da sociabilidade brasileira*. Serrote, Edição Especial, julho de 2020. Disponível em: . Acesso em: 26 dez. 2021.
- MAITINO, M. E. Populismo e bolsonarismo. *Cadernos Cemarx*, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e020002, 2020. DOI: 10.20396/cemarx.v13i00.13167. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167>. Acesso em: 29 dez. 2021.
- MOREIRA, Jacqueline; BORGES, Adriana Araújo Pereira. *A castração e seus destinos na construção da paternidade*. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol.22, n.2, p.71 – 81, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n2/06.pdf>. Acesso em: 29/5/2019.
- NETO, Othoniel Pinheiro. *Fanatismo e manipulação: o esquema da nova colonização do Brasil*. Campinas-SP: Pontes editores, 2020.
- O GLOBO. [website]. *Dameres diz que holandeses indicam masturbação de bebês a partir dos sete meses*. Rio de Janeiro: O Globo, 24/1/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/dameres-diz-que-holandeses-indicam-masturbacao-de-bebes-partir-dos-sete-meses-23399614>. Acesso em: 7/2/2019.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes Ed. Ltda, 1988.
- SANTOS (A), R. da S. O BOLSONARISMO, O REI DE SIAM E O GELO. *Revista Alembra, [S. l.]*, v. 3, n. 6, p. 4-19, 2021. DOI: 10.47270/RA.2596-2671.2021.v3.n6.id1092. Disponível em: <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/alembra/article/view/1092>. Acesso em: 30 dez. 2021.

- SANTOS (B), Rossemildo da Silva. O Bolsonarismo e a carnavalização do pensamento Decolonial. *Revista Inclusiones* Vol: 8 num Esp. (2021): 341-353.
- SOUZA, Jessé José Freire de. *A classe média no espelho*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.
- UOL. [website]. *Holandeses se irritam com fala de Damares: 'lá, país masturbam os bebês'*. São Paulo: UOL, 24/1/2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/01/24/damares-vira-noticia-na-holanda-ao-dizer-que-pais-masturba-bebes.htm>. Acesso em: 30/1/2019.
- VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In *O ódio como política: a (re)invenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo: 2018.
- ZANOTELLI, Cláudio Luís. *Configurações territoriais múltiplas: reflexões a partir de O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia de Gilles Deleuze e Félix Guattari*. CUADERNOS DE GEOGRAFÍA | REVISTA COLOMBIANA DE GEOGRAFÍA | n.º 19, 2010 | ISSN: 0121-215X | BOGOTÁ, COLOMBIA.